



OPINIÃO 17 janeiro 2024 às 00:00 Leitura: 5 min

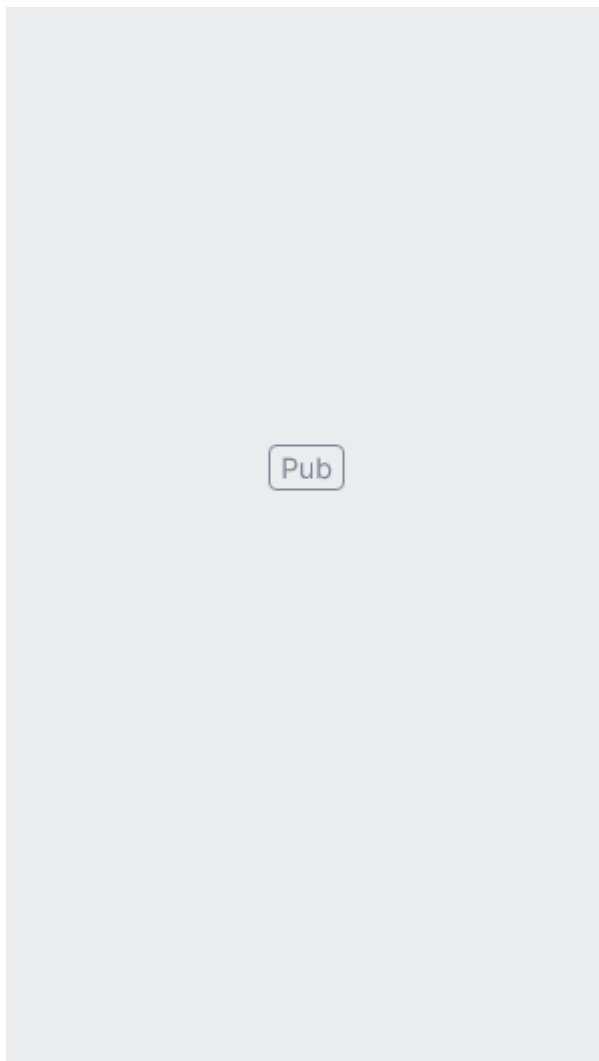
# Devolver a esperança aos jovens e ao país

**Maria da Graça Carvalho**

Em janeiro de 2022, num debate televisivo com Rui Rio durante a campanha das legislativas, o primeiro-ministro António Costa afirmou: “A subida do salário mínimo evita a emigração jovem.” Na altura comentei, numa publicação nas minhas redes sociais, como aquela promessa era sintomática da (falta de) visão do Partido Socialista para Portugal: um país pobre, estagnado, sem oportunidades e sem futuro, onde se sobrevive em vez de se viver, onde se aspira aos mínimos, em vez de se pensar em grande.



# Diário de Notícias



PUB

Dois anos depois, a propósito da publicação do *Atlas da Emigração Portuguesa*, o Observatório da Emigração divulgou estimativas, nada surpreendentes, que demonstram as consequências dessa falta de horizontes: 850 mil jovens emigrados, 30% de todos os portugueses entre os 15 e os 39 anos de idade; consequências graves para o equilíbrio demográfico do país, pelos filhos que milhares de casais jovens não estão a ter em Portugal, onde muitos nunca regressarão; desperdício de uma força de trabalho motivada e, em muitos casos, qualificada.

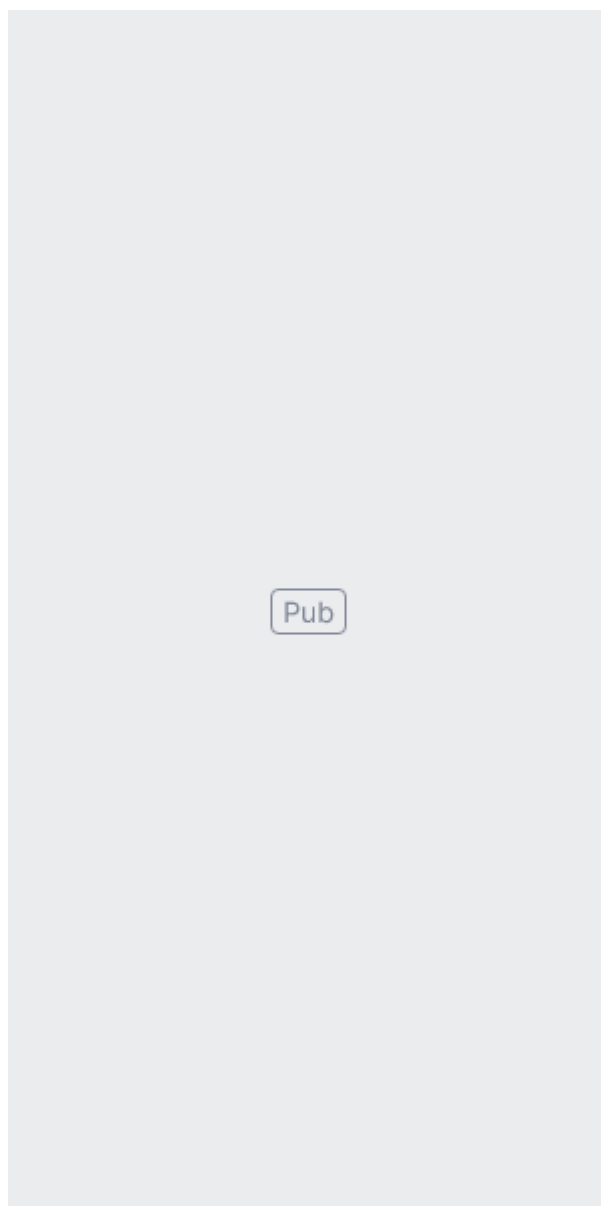
PUB

Entender por que continuamos a desperdiçar o esforço que fizemos, ao longo das últimas décadas, para fazer das novas gerações as mais qualificadas de sempre, é o primeiro passo para resolvermos o problema da emigração jovem e, por arrasto, boa parte dos vícios que continuam a condenar Portugal à estagnação.

Para os jovens em início de vida ativa ter escolhas e perspetivas é o mais importante. São estas que continuamos a negar-lhes. E são estas que muitos procuram fora de portas. O nosso país,

## Diário de Notícias

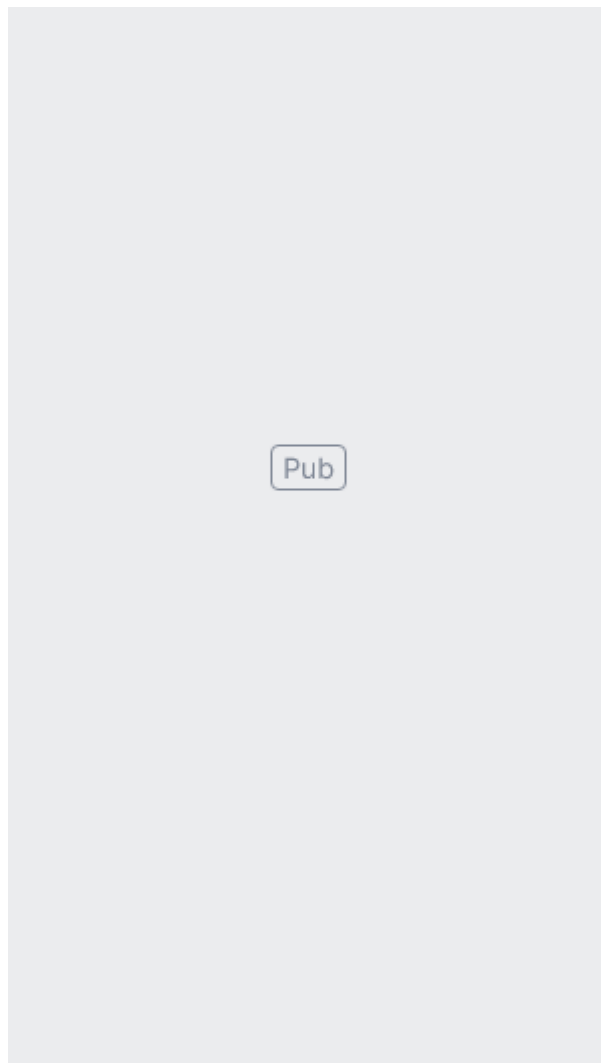
economia de comércio e serviços, com pouco valor acrescentado e escassas perspetivas de crescimento.



PUB

Este paradigma não se altera apenas com medidas e incentivos pontuais, por mais bem-intencionados que estes sejam. E não se altera, como parece ser crença do novo secretário-geral do PS, com o Estado a assumir o papel de grande planificador da economia e da inovação, determinando aquilo que se faz e como se faz. O que não nos falta, infelizmente, são exemplos dos “grandes desígnios” nacionais do PS que pouco ou nada mudaram para melhor.

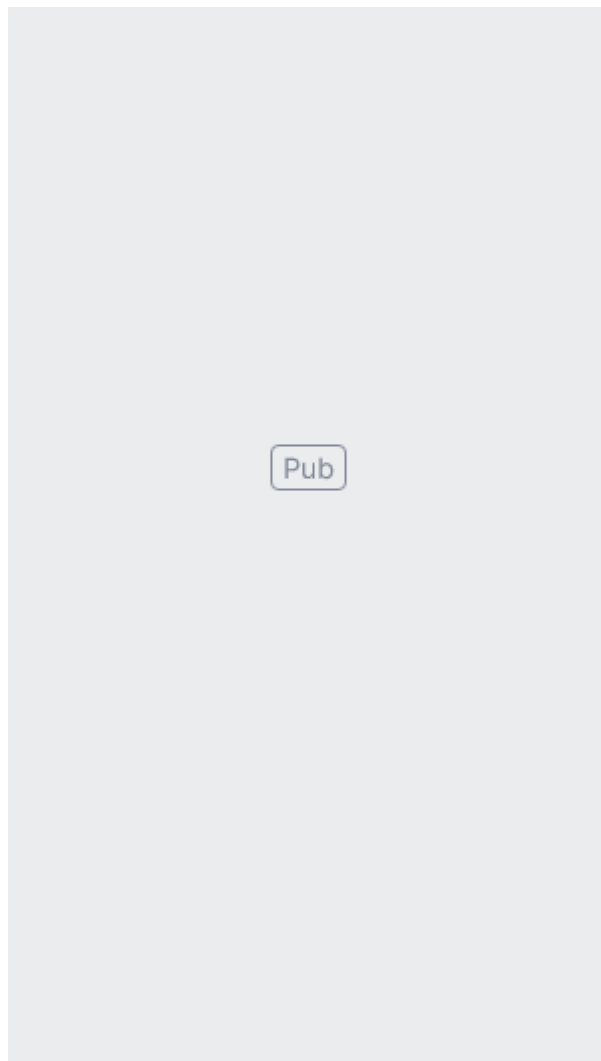
# Diário de Notícias



PUB

Ao Estado pede-se que assegure um conjunto de direitos fundamentais - coisa que nem sempre tem conseguido fazer - e que depois seja um facilitador das iniciativas das empresas, da sociedade civil, das academias, dos centros de investigação. Pede-se que remova barreiras burocráticas, em vez de criar novas, que adote uma fiscalidade competitiva, capaz de atrair e de fixar investimento, e que garanta serviços públicos eficientes, em vez de dizer aos privados como devem fazer o seu trabalho. Pede-se, acima de tudo, que seja consequente.

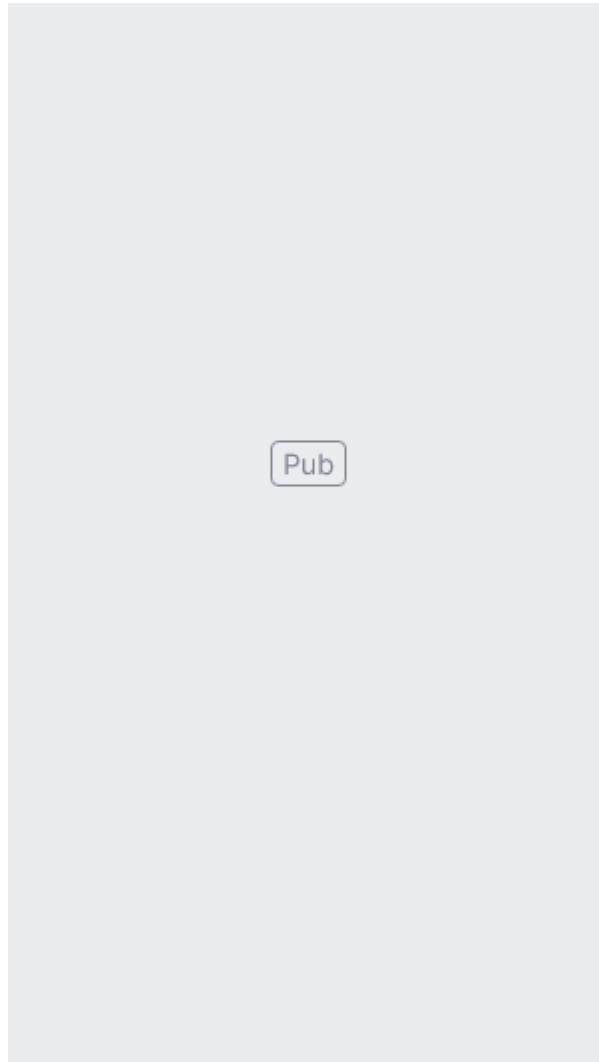
# Diário de Notícias



PUB

Se o Estado quer apoiar os jovens no emprego, deve criar condições para a contratação, adequada, mas regular, em diversos setores públicos, incluindo direções-gerais atualmente com falta de recursos humanos e Instituições do Ensino Superior, assim rejuvenescendo estes setores e contribuindo para os tornar mais dinâmicos e mais adaptados aos desafios do mundo atual. Se quer que os jovens ganhem melhor, e tenham mais perspetivas, deve apoiar as empresas que arriscam e são inovadoras, que contratam trabalhadores qualificados e apostam no reforço das qualificações da sua força laboral.

# Diário de Notícias



PUB

Deve ajudar os setores industriais já estabelecidos a crescerem com base na qualidade e na capacidade de inovar, mas sem lhe impor guiões. Deve resolver o problema da habitação construindo e reabilitando os fogos que faltam, em vez de inventar novas taxas e taxinhas.

PUB